

## RECORTES HISTORIOGRÁFICOS DO CENÁRIO MADEIRENSE EM RETALHOS DE RELATOS: ENTRE EXPEDICIONÁRIOS, AUTÓCTONES, CACHOEIRAS E CORREDEIRAS

Marcelo Zaboetzki<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma leitura-análise sobre as representações do espaço-tempo e seres da região que compreendia as cachoeiras e corredeiras do rio Madeira, na perspectiva de viajantes/escritores que deixaram seus registros sobre aquele espaço amazônico. Como *corpus* de análise utilizamos fragmentos de três relatos de viagem contidos na obra *A ferrovia do diabo* de autoria de Manoel Rodrigues Ferreira, a saber: do bandeirante Francisco de Melo Palheta em 1722, a expedição de Francisco José de Lacerda e Almeida em 1781 e a expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira de 1788. Como referencial teórico dialogamos com a teoria Pós-colonial de análise de discurso, crítica literária amazônica e estudos historiográficos. Nossa leitura-análise aponta para a convergência entre os fragmentos dos relatos madeirenses com a lógica representacional predominante nos primeiros relatos sobre a Amazônia, região narrada como um espaço infernal, apagamento e/ou silenciamento dos povos autóctones no qual a visão do *outsider* é o padrão a ser replicado.

**Palavras-chave:** Relatos de viagem; Rio Madeira; Representação; Autóctone.

## HISTORIOGRAPHIC CLIPPINGS OF THE MADEIRENSE ACENERY IN SCRAPS OF REPORTS: BETWEEN EXPEDITIONARIES, INDIGENOUS, WATERFALLS AND RAPIDS

**ABSTRACT:** This work presents a reading-analysis on the representations of space-time and beings of the region that comprised the waterfalls and rapids of the Madeira River, from the perspective of travelers/writers who left their records on that Amazonian space. As a corpus of analysis, we used fragments of three travel reports contained in the work *A ferrovia do diabo* by Manoel Rodrigues Ferreira, namely, the reports: by the pioneer Francisco de Melo Palheta in 1722, the expedition by Francisco José de Lacerda e Almeida in 1781 and the philosophical expedition of Alexandre Rodrigues Ferreira in 1788. As a theoretical framework we dialogue with the Post-colonial theory of discourse analysis, Amazonian literary criticism and historiographical studies. Our reading-analysis points to the convergence between the fragments of Madeiran accounts with the representational logic predominant in the first accounts of the Amazon, a region narrated as an infernal space, erasure and/or silencing of autochthonous peoples in which the outsider's vision is the pattern to be replicated.

**Keywords:** Travel reports; Madeira River; Representation; Autochthonous.

---

<sup>1</sup> O autor é professor da Universidade Federal do Acre – Campus de Cruzeiro do Sul, doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. E-mail: mzpvhroots@hotmail.com.

## Introdução

Ao longo da história e da escrita da história, coube aos relatos de viagem uma importante tarefa de levar ao “Velho Mundo” as representações sobre os espaços-tempos e seres que iam sendo “descobertos” pelos viajantes, colonizadores/invasores, aventureiros, missionários, etc., narrativas que da mesma forma e importância tiveram no que se refere ao desvelamento das terras, povos e culturas amazônicas. Sobre a potência narrativa dos relatos de viagem argumenta Rocha (2011):

Os relatos de viagens como uma possibilidade de retorno ao passado representado de um povo, às instituições constitutivas de certa existência, de certos modos de vida e de outras construções imaginárias - são fontes valiosíssimas relacionadas a esta construção de Estado-Nação, a essa ligação entre o político e o cultural, entre o individual e o universal entre o *real* e o mítico (2011, p.7).

Ainda, sobre pensar o tempo narrativo destes relatos de viagens e viajantes acreditamos que, de acordo com Edward Said, “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente” (2011, p.34).

Sobre as narrativas amazônicas investigadas por Ana Pizarro em sua obra *Amazônia: as vozes do rio* a autora concluem que “estudar os discursos dessa região é conhecer as tensões originárias da cultura do continente. Terra da promessa, espaço de renovadas utopias, a Amazônia abriga a diversidade, a multiplicidade cultural, o espaço do inacabado, do deslocamento” (2012, p.259).

Neste espaço territorial amazônico, de proporções continentais, interessa-nos no presente trabalho apresentar um recorte historiográfico de narrativas de viagens que se desenvolveram a partir do olhar sobre o espaço-tempo que compreendeu os primeiros registros históricos das tentativas de superação das cachoeiras e corredeiras do rio Madeira<sup>2</sup>, que representavam obstáculos físicos à navegação naqueles trechos, dificultando o trânsito de pessoas, mercadorias, em especial da produção e escoamento do látex nos séculos XIX e XX.

Tais obstáculos impostos pela natureza (as cachoeiras e corredeiras) seriam a justificativa para que nos séculos XIX e XX viesse a ser tentadas e por fim concretizada a

---

<sup>2</sup> Um dos principais afluentes do Amazonas recebe esse nome pela grande quantidade de madeira que arrasta pela força de sua correnteza, principalmente no período das cheias da região amazônica.

construção de uma ferrovia como solução para o empecilho da navegabilidade naquele trecho, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, doravante EFMM.

Sobre o recorte espaço-tempo, do qual nos ocuparemos aqui, discorreremos sobre representações contidas nos relatos das expedições que narram sobre as travessias dos rios Madeira e Mamoré em um cenário pré-EFMM. A partir de fragmentos dos relatos de expedições à região apresentados por Manoel Rodrigues Ferreira (1987), na obra ontológica sobre a história da EFMM, *A ferrovia do diabo*, a saber, os relatos: do bandeirante Francisco de Melo Palheta em 1722, a expedição de Francisco José de Lacerda e Almeida em 1781 e a expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira de 1788.

Ao propormos uma leitura-análise dos fragmentos de relatos buscamos na concepção de Certeau (2011) entender os relatos de viagens como narrativas historiográficas a partir da compreensão do “*processo de significação* que visa sempre ‘preencher’ o sentido da ‘história’” (p. 34 – itálicos do autor).

Uma obra “histórica” participa do movimento através do qual uma sociedade modificou as relações com a natureza, transformando o natural em utilitário (por exemplo, a floresta em exploração), ou em estético (por exemplo, a montanha em paisagem), ou fazendo uma instituição social passar de um estatuto para outro (por exemplo, a igreja convertida em museu). [...] Modifica o meio ambiente através de uma série de transformações que deslocam as fronteiras e a topografia interna da cultura. Ele “civiliza” a natureza – o que sempre significou que a “coloniza” e altera (CERTEAU, 2011, p. 68).

Na proposição de leitura-análise dos referidos relatos buscamos o diálogo com referenciais críticos sobre as literaturas amazônicas em autores como Ana Pizarro (2012), Euclides da Cunha (1999), Leandro Tocantins (1973), Neide Gondim (2007), também com a teoria Pós-colonial de análise de discurso principalmente nos escritos de Mary Louise Pratt (1999), Edward Said (2011) e Frantz Fanon (2013). Para o viés historiográfico somam ao presente estudo as obras de Manoel Rodrigues Ferreira (1987) e Michael de Certeau (2011).

## **1. Dos embates nas cachoeiras e corredeiras do Madeira**

Neste primeiro tópico apresentamos algumas das representações do espaço amazônico tecidas em relatos do século XVIII, em particular do trecho do rio Madeira onde se encontravam as cachoeiras e corredeiras que representavam um obstáculo natural para a navegação e

comércio naquela região e que viria a ser a justificativa para a construção de uma ferrovia no século seguinte quando a produção da borracha impulsionava o comércio na Amazônia.

Guiar-nos-emos pela compilação historiográfica de Manoel Rodrigues Ferreira na sua obra *A ferrovia do diabo* onde o autor apresenta fragmentos dos primeiros registros escritos de relatos de viagem sobre aquela região, os quais nos servem aqui como *corpus* de análise sobre o olhar desses expedicionários a respeito do espaço e seres amazônicos.

Desta forma, através da escrita, aquele espaço amazônico passou a ser nomeado, inventado, criado e recriado conforme as “lentes” e intencionalidades dos viajantes/escritores. Conforme adverte Laraia (2009) “homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visões desencontradas das coisas” (p.67), ao estilo do Gênese a escrita que ocidentaliza o “novo continente”, o “Novo Mundo”, temos, pois um “mundo cuja única história era aquela prestes a se iniciar” (PRATT, 1999, p.221).

De acordo com Ferreira:

[...] aquele período de oitenta anos do século XVIII, que se findara, ficaria marcado por um esforço sobre-humano do homem, em vencer o trecho encachoeirado do rio. De 1722 até o fim do século, contam-se quatro expedições oficiais, organizadas pelo governo português, às cachoeiras do Madeira: duas de exploração, uma de engenheiros e outra de cientistas (FERREIRA, 1987, p. 52)

Ao que nos apresenta Ferreira (1987) teria sido a bandeira portuguesa de Antônio Raposo Tavares, partindo da Vila de São Paulo em direção a oeste, a primeira a conhecer todo o curso do rio Madeira, atravessando suas corredeiras e cachoeiras no final do ano de 1650, incorporando aquela zona à influência política portuguesa, seguido pela implantação de missões jesuíticas e novas viagens a mando e interesse da coroa Portuguesa.

A expedição de Francisco de Melo Palheta de 1722, ou seja, setenta e dois anos após a bandeira de Tavares teria o primeiro registro escrito<sup>3</sup> da travessia dos obstáculos da navegação no Madeira, feito por um dos membros da expedição. A expedição de Palheta partira de Belém em onze de novembro do ano de 1722 e chegaria à foz do Madeira em dois de fevereiro daquele ano, indo em direção rio acima faria no dia dezessete arraial junto a uma aldeia Iúma enquanto faziam os preparativos para a travessia das cachoeiras e corredeiras e aguardavam provisões vindas de Belém. Assim registrara o membro daquela expedição:

<sup>3</sup> O relato intitula-se: *Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento-mor Francisco de Melo Palheta no rio Madeira e suas vertentes, por ordem do Senhor João da Maia da Gama, do Conselho de sua Majestade, que Deus guarde, seu governador e capitão-general do Estado do Maranhão* (FERREIRA, 1987, p.26).

Ordenou o Cabo<sup>4</sup> se fizesse seis galeotas para se poder nelas passar as cachoeiras; o que fez pela informação que teve se não podia fazer entrada com as grandes com que nos achávamos pela terribilidade das pedras. Feitas as ditas galeotas as preparamos de todo o necessário e de quantidade de cabos para as puxarmos pelas cachoeiras; neste tempo se esperava já pelo socorro da cidade<sup>5</sup>, o qual chegou a 4 de junho, e havia muito tempo que os miseráveis soldados, índios e ainda o Cabo, depois das frutas do mato acabadas, comia unicamente carne de lagartos, camaleões, e capivaras, por não haver outro mantimento, pois não tínhamos outra coisa a que tornássemos (*apud* FERREIRA, 1987, p. 27).

O fio narrativo do relato segue à lógica dos primeiros registros às terras amazônicas. Os encantamentos iniciais dão lugar a imagens aterrorizadoras e as privações por que passavam os viajantes aventureiros dão o tom de dramaticidade nas narrativas. Concebendo a literatura de viagem na perspectiva abordada por Pratt (1999) pode-se evidenciar sua heterogeneidade e suas interações com outras formas de expressão.

Nos fragmentos de relatos aqui analisados encontramos muito do que Pratt (1999) caracteriza como “literatura de sobrevivência” uma vez que “ao lado das navegações, os dois grandes temas da literatura de sobrevivência são os sofrimentos e perigos, de um lado, e as maravilhas exóticas e curiosidades, de outro” (PRATT, 1999, p.48).

Sobre os embates travados entre homem e natureza na travessia de uma das cachoeiras registrara o autor:

[...] Daqui fomos à cachoeira chamada dos Iagerites, onde chegamos nas vésperas de São João e nela vimos sem encarecimento uma figura do inferno: porque tendo eu visto grandes cachoeiras, como são as horríveis e celebradas do rio dos Tapajós todas e do rio dos Tocantins, a Itaboca e as mais que se seguem pelo rio Araguaia e por ele até a cachoeira do Padre Raposo chamada Otimbora, pois nenhuma iguala nem tem paridade a esta do rio Madeira, na sua grandeza e despenhadeiros de pedras e rochedos tão altos que nos pareceu impossível a passagem, como na realidade, pois para passarmos foi necessário fazer-se caminho, cortando um ponta de terra onde fizemos faxinas, sendo o Cabo o primeiro no trabalho a dar-nos o exemplo [...] (*apud* FERREIRA, 1987, p. 27-28).

A cada cachoeira e corredeira era posto em prática alguma dinâmica para contornar os riscos que as mesmas impunham a quem se atrevesse transpô-las ou por infortúnio caísse nas águas destas. Dentre a prática mais comum era trazer as embarcações para o seco, e “vara-las” por picadas até um ponto navegável, trabalho esse que envolvia muita mão-de-obra e tempo

<sup>4</sup> Francisco de Melo Palheta.

<sup>5</sup> Refere-se à cidade de Belém do Pará.

para puxar as embarcações para a terra seca e quase sempre necessitando do descarregamento prévio de toda espécie de carga. Embora tente o narrador exaltar a postura do Cabo como a exemplar no trabalho, é sabido que o trabalho pesado era comumente feito por autóctones que trabalhavam em regime de servidão.

Atentemos também para o uso de caracterizações como “figura do inferno” na citação acima. Fora prática discursiva dos viajantes/escritores do “Velho Mundo” representar uma região amazônica que transitava na dualidade: céu e inferno, paraíso e purgatório; hora a Terra Prometida, Eldorado, Canaã, em outra dão lugar ao próprio inferno terrestre. De acordo com os estudos de Pizarro “a literatura sobre a Amazônia tornou evidente, desde seus inícios, as imagens simultâneas do inferno e paraíso. Essa é a tensão que se encontra nos textos dos primeiros cronistas até o imaginário atual” (2012, p.171). Ainda sobre a lógica narrativa dos viajantes/escritores questiona Neide Gondim:

Então de que maneira o olhar do habitante do Velho Mundo veria o Novo se entre os dois ainda persistia a crença da inabitabilidade da zona tórrida, da inexistência de uma raça única com suas variáveis culturais e étnicas, fauna não embarcada na arca de Noé, flora não alagada pelo dilúvio, rios jamais citados pela Bíblia? (GONDIM, 2007, p.48).

A cada obstáculo segue o narrador relatando da logística e dos infortúnios na superação dos mesmos, dando o tom de dramaticidade daquela aquarela amazônica:

[...] continuamos nossa jornada passando cachoeiras umas atrás das outras e chegamos à quinta cachoeira, a que chamam Mamiu, que gastamos 3 dias em passar nela as galeotas à corda, não havendo exceção de pessoa neste grande trabalho, e com tal perseguição de pragas de piuns, que cada mordedura é uma sangria, ficamos em uma ponta aonde foi julgada que humanamente se não podia passar; [...] Esta cachoeira assinalada dos Apamas é tão terrível e tão monstruosa e horrível, que aos mesmos naturais de cachoeiras mete horror e faz desanimar, porque de contínuo está no mais violento curso de sua desatada corrente, o que não encareço por não ser suspeito, porém deixo à consideração e representação dos experientes, pois por muito que dissera não dizia nem ainda a terça parte do que é, o que se pode perguntar igualmente assim ao Cabo e capitão como a todos os mais da companhia (*apud* FERREIRA, 1987, p.28).

A descrição carregada de adjetivos como “terrível, monstruosa, horrível” ajudam a enaltecer os feitos da expedição e o grau de dificuldade enfrentado, o embate com os monstros diminutos que sugavam o sangue dos expedicionários a cada picada, embora as palavras não sejam capazes de trazer a conhecimento do leitor “nem ainda a terça parte do que é”. Conforme



sentencia Gondim “dificilmente se encontrará um relato de um viajante sobre o Amazonas que não mostre o paraíso transformado em inferno pela ação dos mosquitos” (2007, p.123), lógica narrativa que também se aplica às narrativas madeirenses.

O relato, que se quer como estatuto de verdade, reforça a sua legitimidade ao convidar o leitor à confirmação dos fatos narrados pela anuência das patentes mais altas daquela expedição, a saber, o Cabo e o capitão.

Contemplemos mais uma descrição do embate dos expedicionários com a natureza madeirense:

[...] e logo que amanheceu seguimos viagem ao porto dos Montes, e disse o guia vira um caminho que descia ao porto que era do Gentio, que habitava naquele lugar, mas não se viu trilhar nem caminhos, por estar já deserto, neste dito porto fomos visitados por uma praga de abelhas, assim, a quantidade das grandes, como a máquina das pequenas, tão espessas como nuvens, buscando-nos olhos, e ouvidos e boca, e todos engoliram bastantes, porque se as enxotássemos das rações ficaríamos destituídos de toda a limitação que temos de farinha, que é tão limitada a medida em que se dá, que apenas é para dois bocados na boca, e fechada cabe em uma mão toda; logo também o que vamos comendo, são camaleões e uns animais a que chamam de capivaras, e alguns por se não atrever a estas poucas carnes comem só ovos dos ditos lagartos. Peixe de nenhuma casta, nem sorte se acha, que das pobres espingardas e que vamos passando a remediar a vida (*apud* FERREIRA, 1987, p. 29 - grifos nossos).

Sobre o tom dramático presente em muitos dos relatos de viagem Pratt (1999) pondera que “sentimentalidade e *sensibilité* começaram a se firmar no relato de viagem mais ou menos ao mesmo tempo que a ciência, a partir da década de 1760” tornando os leitores afeitos às “dramatizações da zona de contato” (p.155).

E seguindo o curso contrário às águas do Madeira segue-se a tessitura do relato:

[...] Neste lugar deu parte o Principal<sup>6</sup> José Aranha ao Cabo haver visto uma mui grande cobra abolada, que afirmam todos os que viram teria o comprimento pouco menos de 40 passos e de grossura julgaram ter 15 a 17 pés; grandes monstruosidades de animais semelhantes tem este rio, porque com esta são duas que se têm visto nesta viagem, e outras maiores imundícies se pode ver nele, porque não há dúvida que essas veemências de pedras (nas concavidades que têm) muito mais podem criar (*apud* FERREIRA, 1987, p.29).

---

<sup>6</sup> Por “Principal”, subentenda-se cacique ou chefe de um grupo de índio (FERREIRA, 1987, p.29).

Da mesma forma que os navegadores dos mares criaram toda uma mitologia, crenças e superstições sobre os seres que habitavam as águas marinhas e oceânicas, na Amazônia muitas dessas crenças são recriadas e tantas outras surgem, ganham o imaginário do viajante e entretêm os leitores de suas narrativas. Tanto a mata densa e fechada guarda seus mistérios que aguçam a imaginação do viajante quanto suas águas, sejam elas claras, escuras ou barrentas como as do Madeira.

De acordo com Euclides da Cunha (1999), os homens nos rincões amazônicos são como exilados, precisam ser “aclimados” ou sucumbem ali na imensidão da floresta. Ao que se lê nas narrativas “Traça-se um quadro nosológico arrepiador e trágico, num imaginoso fabular de agrura; e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imaginações iludidas, como se lá se demarcasse a paragem clássica da miséria e da morte” (CUNHA, 1999, p.30).

Passemos na sequência a tecer nossa leitura-análise sobre o olhar desses viajantes/escritores sobre os povos que habitavam aquelas paragens amazônicas.

## **2. Das representações e relações nas “zonas de contato”: expedicionários e autóctones**

Seguimos dando ênfase neste tópico às representações apresentadas nos fragmentos dos relatos que nos valem para a presente análise ao narrarem as “zonas de contato” entre viajantes e os autóctones, termo que na concepção de Mary Louise Pratt :

“zona de contato”, que uso para me referir ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada (PRATT, 1999, p.31).

Como já mencionamos, seria a bandeira de Antônio Raposo Tavares, em 1650, a primeira a percorrer todo e trecho do rio Madeira e transpor os obstáculos das cachoeiras e corredeiras. De acordo com o estudo apresentado por Ferreira (1987) esta expedição era composta por cerca de 120 portugueses e 1200 índios Tupis, de forma que àquela época já se constatava o adiantado estado de influência, domínio e subjugação dos portugueses sobre os povos autóctones, que a cada expedição adentravam mais nas zonas de habitat dos povos



originários, levando consigo as doenças, morte, servidão e apagamento do modo de vida das etnias. Na sentença de Fanon:

Durante séculos, os capitalistas se comportaram, no mundo subdesenvolvido, como verdadeiros criminosos de guerra. As deportações, os massacres, o trabalho forçado, o escravagismo foram os principais meios utilizados pelo capitalismo para aumentar as suas reservas de ouro e diamantes, suas riquezas, e para estabelecer a sua potência (2013, p.121).

Processo esse que não difere nas “zonas de contato” entre expedicionários e os autóctones amazônicos.

Sobre o encontro com os autóctones, localizamos o seguinte registro na narrativa de Francisco de Melo Palheta de 1722:

E assim que amanheceu fomos seguindo nossa jornada até ser hora de parar e tomamos porto pelas 11 do dia. Chegou logo o ajudante com um lote de gente onde vinha o Principal<sup>7</sup>, índio moço e muito arrogante, e é certo que chegou com mui pouca vontade porque dizem se atracara com um índio nosso, mas que vendo o nosso poder aplacara a fúria, e assim solto o trouxeram à presença do nosso Cabo; acompanhavam este dito Principal dois mocetões, sem filhos, de pouco mais de 15 a 12 anos e duas índias, mães dos ditos e mulheres do Principal, com mais um rapaz e uma rapariga e todos faziam cômputo de treze cabeças. Fez o Cabo o possível por uma língua para mandar praticar, mas não se achou quem os entendesse, porque falando a nossa língua, batiam com as mãos nos ouvidos, mostrando ter sentimento de não ouvir a nossa prática, mas com grandiosos mimos e dádivas ficaram mui contentes e satisfeitos no que mostravam. Aqui Nossa Senhora do Carmo, que não falta a seus devotos, espirou a língua em falar-lhes em língua de outro gentio<sup>8</sup> seus conhamenas, logo respondeu o Principal gentio com um agrado ao que lhe propunha o nosso língua por cuja gíria foi continuando a prática, e sobre e por razão de paz firme e valiosa que com eles pretendíamos fazer, e na mudança de vida para virem ao grêmio da igreja, avassalando-se como os mais gentios fizeram, a que respondeu estava contente e certo nas cláusulas e firmeza da paz e dizendo ao Cabo que esperasse que o queria vir visitar da sua província e trazer-lhe algumas coisas em reconhecimento do bom pato e bons mimos que lhe havia dado se queria recolher; ao que o Cabo respondeu mandando-lhe dizer que tudo agradecia e que se fosse em paz, que sua vontade era seguir para cima o rio, fazendo pazes e descobrimentos, que não vinha fazer escravos, senão amigável paz com todos; e que aqueles que lhe quiserem impedir sua jornada tomando armas para ele, que estes sim lhes declararia guerra. Foi o gentil em paz para sua província, [...] (*apud* FERREIRA, 1987, p. 29-30).

<sup>7</sup> Por Principal entenda-se cacique ou chefe, de acordo com nota de Manoel Rodrigues Ferreira (1987).

<sup>8</sup> O mesmo que índio, de acordo com nota de Manoel Rodrigues Ferreira (1987), destacamos também o uso do termo no sentido atribuído na Bíblia Cristã na qual gentio se referia aos não judeus, e no fragmento do relato pode-se fazer a mesma correlação entre cristãos e não cristãos (os gentis).

Destacamos no presente fragmento do relato da expedição de Palheta o tom conciliador no trato entre os expedicionários (cristãos) e autóctones (gentios) no qual, embora não se tenha achado uma língua entre os índios “nossos” e aqueles, com presentes, “grandes mimos e dádivas”, conseguiu-se agradar aqueles gentios. Contudo, o início da narrativa deste encontro deixa claro que este contato não ocorrera de forma espontânea e pacífica entre aqueles autóctones e expedicionários, tendo o gentio aplacado a sua fúria somente quando observou o “poder” dos expedicionários, a saber, os armamentos dos quais eram munidos.

Outro ponto do fragmento a chamar a atenção é a evocação de graças recebidas por representações divinas do catolicismo, neste caso a Nossa Senhora do Carmo que “espirou” língua que possibilita-se a prática entre o gentio dos expedicionários e o Principal daquela outra etnia. O trato do diálogo segue com a missão catequizadora a que também se propunham os Portugueses daquela expedição ao convidarem aqueles gentios a uma “mudança de vida” e irem ao grêmio da igreja tornando-se vassalos assim como os demais gentios, nas palavras de Gondim “a anunciação do Evangelho a todos os povos foi um dos motes para a legalização da conquista” (2007, p.51). Por fim, nesta passagem fica a advertência de “declaração de guerra” dos expedicionários àqueles gentios ainda não subservientes a esses e que viessem a representar obstáculo aos objetivos da expedição.

Através da escrita da história em mão única segue-se o processo de apagamento do Outro, neste processo entendemos que conforme preconiza os Estudos Culturais na perspectiva do teórico Hommi Bhabha:

Por um lado, propõe uma teleologia – sob certas condições de dominação colonial e controle, o nativo é progressivamente reformável. Por outro lado, no entanto, ela efetivamente mostra a “separação”, torna-a mais visível. É a visibilidade dessa separação que, ao negar ao colonizado a capacidade de se autogovernar, a independência, os modos de civilidade ocidentais, confere autoridade à versão e missão oficiais do poder colonial (BHABHA, 2013, p.141).

Na expedição de demarcação de limites das possessões portuguesas, de Francisco José de Lacerda e Almeida, de 1781, registrara-se sobre os conflitos com os povos autóctones naquele trecho das cachoeiras:

[...] Eles tinham sido atacados pelo gentio 5 vezes, e de uma feriram algumas pessoas e mataram um índio remeiro de uma montaria, na boca do Jamari (2ª cachoeira). Os comerciantes fizeram-lhes uma emboscada, em que mataram

quatro, e a um Principal, que se supôs ser, pela distinção das penas com que vinha adornado, como também o seu arco e flecha (*apud* FERREIRA, 1987, p. 40).

Como se observa, o embate entre os autóctones e expedicionários, comerciantes, etc, é travado naquela região do Madeira assim como nas demais regiões amazônicas no processo de adentramento da ocidentalização na região. Em uma região de matéria prima vasta para a implantação de monoculturas, como fora o caso dos seringais nos séculos seguintes, as chamadas “correrias” foram uma das principais dinâmicas de dizimação dos povos originários além do revés sofrido pelo simples contato com o “homem branco”<sup>9</sup>, a exemplo das doenças que passaram a afligir os autóctones.

Ainda na narrativa da mesma expedição registraram:

À distância de meia légua pelo mato adentro assistem os índios Pamas, que já estiveram aldeados; e na ocasião de haver canoas naquela cachoeira, não só as vêm ajudar a varar, como também trazem refrescos de sua lavoura, que consta de bananas, mandiocas, batatas, carás etc. Da outra parte do rio habita o gentio Caripuna, manso, porém tão ladrões que furtam quanto podem (*apud* FERREIRA, 1987, p. 41).

A passagem dá conta das práticas sociais já estabelecidas na região com algumas etnias, seja na troca de produtos ou na oferta de mão-de-obra para as demandas de travessia nas cachoeiras. Ressalta-se também o julgo e estereótipo lançado sobre determinadas etnias como a dos Caripunas, frequentemente retratados nas narrativas como ladrões e covardes. Sobre a concepção e uso do estereótipo na tessitura narrativa acreditamos que Bhabha nos ajuda a entender este recurso como:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 2013, p.130).

---

<sup>9</sup> O termo “homem branco” será comumente apresentado na quase totalidade dos relatos e fragmentos de relatos aqui estudados, não apenas como adjetivo descritivo de raça e/ou cor da pele, mas principalmente como superioridade física/mental e cultural, ou seja, o “homem branco” terá papel de desbravador, colonizador, dominador, por vezes sinônimo de europeu/norte-americano em condição oposta estariam os índios “selvagens” ou “mansos”, bolivianos ou brasileiros, os negros, “caboclos” (naturais da região amazônica), mestiços e demais trabalhadores brasileiros que fizeram parte do processo migratório para a região madeirense, em particular os cearenses. Ver mais sobre o tema em SCHWARCZ (1993); CUNHA (1999); FANON (2005); PRATT (1999) *et al.*

Em 1788 a expedição do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, incumbida pela coroa a fazer estudos científicos nos rios Madeira e Guaporé, registra:

[...] na cachoeira de Santo Antônio me fugiram 8, e 5 na do Salto. Pelo que, em aviso, que a 5 do corrente expedi a S. Excia. O Sr. Luis de Albuquerque, e ao comandante do Forte do Príncipe, dei conta do estado presente da Expedição Filosófica, em viagem pelas cachoeiras do rio da Madeira – isto é, que com o pequeno resto de alguns índios, que temos incluído neles os inválidos, os meninos, e os velhos, por aqui vamos lutando com o peso e com a violência das correntezas. Até 20 de março próximo futuro, espero ser socorrido (*apud* FERREIRA, 1987, p. 45).

No difícil trabalho de transpor as cachoeiras e corredeiras do Madeira se valiam os expedicionários da força de trabalho dos autóctones, trabalho em sua grande maioria não voluntariado ou remunerado. Muitas etnias, principalmente das regiões bolivianas estavam submetidas ao julgo do colonizador e eram forçados a um trabalho que lhes colocava a vida em perigo, seja pelo risco de naufrágios e afogamentos naquelas águas, seja pelo contágio de doenças, somado aos maus tratos e má alimentação, o que tornava comum as tentativas e fugas destes (crianças, jovens e idosos) para tentar preservar a própria vida.

### **Considerações finais**

No presente trabalho nos propomos a apresentar uma leitura-análise panorâmica a respeito de algumas das representações tecidas sobre a região das cachoeiras e corredeiras do rio Madeira sob olhar de expedicionários/viajantes/escritores e os primeiros registros escritos sobre aquela região.

Embora tenhamos nos valido de fragmentos de relatos, compreendemos que tais narrativas nos propiciam tecer uma leitura-análise sobre como as representações dialogaram com o espaço-tempo e seres amazônicos.

De maneira geral, compreendemos que a relação do homem com as águas da(s) Amazônia(s) data das mais remotas civilizações e imprimiu o ritmo da vida naquele espaço-tempo. Ao pensarmos o *modus vivendi* nas paragens amazônicas, concordamos com o escritor Leandro Tocantins (1973) ao afirmar que “o rio comanda a vida” nos seus “caminhos andantes”. Ainda, de acordo com Tocantins “O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da Geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio

imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional” (1973, p. 280).

Naquela região do Madeira não fora diferente, as cachoeiras e corredeiras imprimiam seu ritmo a todos aqueles que buscavam superá-las, seja no período das cheias ou das secas dos rios amazônicos, aqueles obstáculos naturais à navegação imporam sempre uma postura de submissão a todos que buscavam os meios para continuarem naqueles “caminhos andantes”, e na mesma perspectiva metafórica são esses discursos amazônicos “discursos de uma nação de águas” (PIZARRO, 2012, p.18).

Somente com a construção da EFMM, tendo um custo exorbitante e de milhares de vidas perdidas, fora que aquela rota das águas deixou de ser a única opção para um deslocamento mais rápido na região, embora que, mesmo com a construção da ferrovia, a rota fluvial nunca deixou de ser usada, uma vez que os autóctones e os demais transeuntes, comerciantes, etc., que não tinham condições de arcar com os altos custos do frete cobrado pela administração da ferrovia, faziam do rio o seu caminho rotineiro.

Se por um lado o rio impunha seu ritmo aos navegantes, por outro os viajantes/expedicionários alteraram o modo de vida dos povos autóctones daquela região, seja pelo trabalho escravo e/ou de servidão a que estes povos eram submetidos, seja pela perseguição, morte, acometimento de doenças, as cruéis e violentas “correrias”, destruição de aldeias e de suas plantações, eliminação e apagamento de etnias e suas culturas. Contribui para nossa reflexão as palavras de Gondim ao afirmar que “os nativos são os agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco – essa é a conclusão a que praticamente todos os viajantes chegaram depois de visitar o paraíso infernal amazônico” (2007, p.163).

Esses primeiros registros escritos sobre a região trazem uma história de mão única, a história a ser contada é aquela que alimenta os interesses do colonizador, é nesse sentido que, de acordo com Bhabha (2013) “O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional” (p.65).

Para Pizarro (2012, p.33) “esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador”, de forma que consideramos válidos, como na proposição do presente trabalho, lançarmos olhares que questionem, confrontem e proponham leituras outras que não as cristalizadas pelo olhar do *outsider*.

## Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3º ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CUNHA, Euclides da. **Às margens da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Ed. UFJF – Juiz de Fora, 2013.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. 4º ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2º ed. Manaus: Editora Valter, 2007.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. SP: EDUSC, 1999.
- ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O mar e a selva: relato de viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil: estudo e tradução**. Campinas, SP: [s.n], 2011.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1830**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Biblioteca do Exército. Publicação 437. Coleção General Benício, vol. 114, 1973.